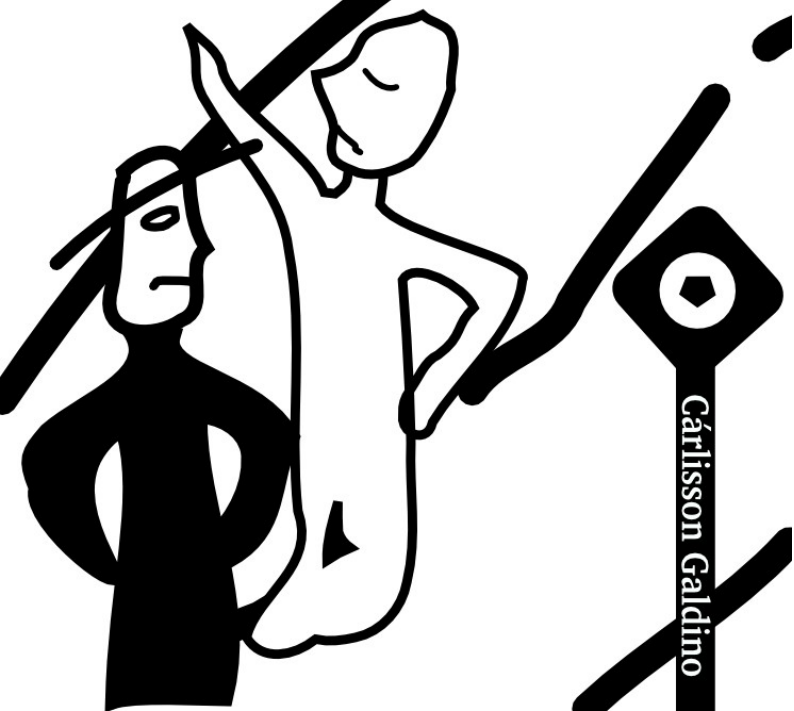


Peleja da Rua

CORDEL



Cárlisson Galdino

Creative Commons

A presente obra encontra-se licenciada sob a licença **Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported**. Para visualizar uma cópia da licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/> ou mande uma carta para: Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California, 94105, USA.

Você tem a liberdade de:

- **Compartilhar** - copiar, distribuir e transmitir a obra.
- **Remixar** - criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

- **Atribuição** - Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante (mas não de maneira que sugira que estes concedem qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).
- **Uso não-comercial** - Você não pode usar esta obra para fins comerciais.
- **Compartilhamento pela mesma licença** - Se você alterar, transformar ou criar em cima

desta obra, você poderá distribuir a obra resultante apenas sob a mesma licença, ou sob uma licença similar à presente.

Cárlisson Borges Tenório Galdino

Cárlisson Galdino nasceu em 1981 no município de Arapiraca, Alagoas, sendo Membro Efetivo da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) desde 2006, com a cadeira de número 37, do patrono João Ribeiro Lima.

Poeta, contista e romancista, possui um livro de poesias publicado em papel, além de dois romances, duas novelas, diversos contos e poesias publicados na Internet, em seu sítio pessoal: <http://www.carlissongaldino.com.br/>.

Como cordelista, iniciou publicando o Cordel do Software Livre, que foi distribuído para divulgação dos ideais desse movimento social.

Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Alagoas, onde hoje trabalha, é defensor do Software Livre e mantém alguns projetos próprios. Host do podcast sobre política e notícias Politicast: <http://politicast.info/>.

Literatura de cordel é um tipo de poesia popular especialmente no Nordeste brasileiro. Tradição de Portugal, os livretos deste tipo de poesia eram

vendidos em feiras, pendurados em barbante (ou cordel).

O cordel Peleja da Rua apresenta diversos estilos de conflito, todos em redondilhas maiores (com sete sílabas poéticas). O confronto se dá entre dois personagens, que são identificados pelo estilo do verso: um deles é colocado sempre em *itálico*, enquanto o outro é apresentado sempre sublinhado.

2010

Peleja da Rua

Se eu te der uma foice?
Corto cana até umas horas
E se eu te der uma amora?
Digo se é amarga ou doce

Se eu te der uma viola?
Mostro que sou cantador
E se eu te der uma flor?
Eu recuso, seu boiola

Se eu te der um pontapé?
Desvio só com um dedo
E se eu te der muito medo?
Eu me cubro até o pé

Se eu te der uma cigarra?
Lhe apito ao pé do ouvido
Se eu te der pra um bandido?
Escapo dele na marra

*Você diz que é bom de briga
Não sabe o que tá falando
Se fazendo de sabido
E nos versos tropeçando
Você entra em meu caminho
Você tropeça sozinho
E eu a briga vou ganhando*

Dessa disputa eu entendo
Você tá chegando agora
Na briga sou soberano
Se eu cantar, você chora
Você não está com nada
Se ficar na minha estrada
Vou botar você pra fora

*Se essa estrada é sua
Quando foi que tu comprou?
Você é a folha seca
Que o vento derrubou
Essa estrada é minha rota
Quando eu ando não tem volta
Eu vim nela e nela vou*

O compadre está abusado
E não atentou pro fato
Que se assim continuar
Fique certo que te mato
Meu cumpadre encrenqueiro
Eu cheguei aqui primeiro
Você cuide que eu te bato

Eu te bato com uma tábua
De casa de serralheiro
Eu te bato mais ligeiro
Que tartaruga na água

Eu te bato com porrete
Até voltar seu juízo
Eu te bato, não aliso,
Com facão ou canivete

Eu te bato com martelo
Como quem prega madeira
Eu te bato lá na feira
Pra verem tu, amarelo

*Eu te bato com cadeira
De bar no meio da briga
Eu te bato com uma viga
De construção, de pedreira*

*Compadre, tu diz besteira
E acha que fala lindo
Mas na luta sou estrela
O seu orgulho tá findo
Antes da luta ter fim
Tu vai pra longe de mim
Você chorando, eu sorrindo*

*Você tá no meu caminho
Tou perdendo a paciência
Saia já da minha frente
Pra eu passar, que tenho urgência
Suma logo, erva daninha
Ou te arrebento a espinha
Até voltar a inteligência*

Não se afobe, camarada
Pois não tem necessidade
Volte por outro caminho
Na maior felicidade
Ou te quebro, e tenho dito
Isso não é lá bonito
Pra gente da sua idade

Respeito ao de mais idade
É um sinal de decência
Não é fraco o mais velho
Só tem mais experiência
Seu juízo tá extinto
Tem menos do que um pinto
Mané de pouca vivência

Pois saiba que sou doutor
Em enganar, só se for
Sou formado advogado
E não trabalha, é folgado

Trabalho, mas nesse dia
Bem tranquilo vinha e via
Um velho burro e abusado
E eu um pivete qualquer
Que não arreda do pé
Da rua, cabra safado!

Você né dono da rua
E tampouco ela é sua
Sai da frente, catingueiro
Eu cheguei aqui primeiro

Deixa eu continuar
Ou te bato até achar
O juízo que antes tinha
Você fez a rima errada
Mas te digo, camarada
Se essa rua fosse minha...

Se essa rua fosse minha
Não entrava velho escroto

*Se essa rua fosse minha
Não tinha muleque solto
Gente direita passava*

Se essa rua fosse minha
Tudo se moralizava
Você pagava pedágio

*Se essa rua fosse minha
Tinha guarda forte e ágio
Protegendo de malandro*

Se essa rua fosse minha
Se nela só eu que mando
Não tinha velho fedido

*Se essa rua fosse minha
Um moleque intrometido
Era tratado na tapa*

Se essa rua fosse minha
Todo mundo, até o Papa
Me devia o respeito

Mas a rua não era assim
Ela nunca teve dono
Mas os dois continuaram
Naquele duelo insano
Diz a lenda no Serrado
Que os dois desocupados
Até hoje estão brigando